

Fall 10-1-2021

A antropologia teológica de Libermann e o contexto contemporâneo

Gérard Nnamunga

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/horizontes-espiritanos>

Recommended Citation

Nnamunga, G. (2021). A antropologia teológica de Libermann e o contexto contemporâneo. *Horizontes Espiritanos*, 17 (17). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/horizontes-espiritanos/vol17/iss17/5>

This Wellsprings is brought to you for free and open access by the Spiritan Horizons (English, French, and Portuguese) at Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Horizontes Espiritanos by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

Gérard Majella Nnamunga, C.S.Sp.

Gérard Majella Nnamunga, C.S.Sp., é o reitor do Theologate Espiritano em Nairobi, Quênia. Após a sua ordenação em 1988, foi para Roma estudar as Sagradas Escrituras no Pontifício Instituto Bíblico. É doutorado em teologia sistemática pela Universidade de Duquesne e ensinou as Escrituras no Seminário Missionário

Espiritano em Arusha, onde também foi reitor. Ao mesmo tempo, foi Superior da Província da África Oriental e mais tarde tornou-se Superior do grupo do Uganda. Actualmente é professor no Colégio Universitário de Tangaza, Nairobi, onde também chefia o Departamento de Teologia Sistemática.



A ANTROPOLOGIA TEOLÓGICA DE LIBERMANN E O CONTEXTO CONTEMPORÂNEO

INTRODUÇÃO

“*Black lives matter*” [“As vidas negras são importantes!”] é um slogan que se ouve repetidamente nos dias de hoje. É uma forma de reavivar a luta para que os africanos experimentem mais dignidade nas suas vidas. É surpreendente, contudo, que o Padre Libermann já estivesse envolvido neste tipo de luta no século XIX, quando o preconceito racial contra os africanos era generalizado, quando a vida dos africanos era ofuscada pelo flagelo do tráfico de escravos e a dignidade dos africanos era simplesmente espezinhada. Este artigo avalia a antropologia teológica da *L’Œuvre des Noirs* [A Obra dos Negros] de Libermann no contexto do século XIX, com os seus preconceitos contra os africanos, que podem ser facilmente detectados nos escritos de Libermann¹ *L’Œuvre des Noirs* foi o empreendimento missionário de Libermann para trazer melhorias na condição dos africanos.

Ao avaliarmos a antropologia teológica de Libermann, Paul Kollman lembra-nos que todo o trabalho missionário, o julgamento desse trabalho e, na verdade, do povo que viveu séculos antes de nós, é “um conto de advertência a dois níveis”.² Em primeiro lugar, como missionários, devemos ter o cuidado de não ajudar os outros de formas que nós próprios concebemos. O projecto missionário de Libermann correu o risco de se tornar paternalista. Em segundo lugar, o desafio para aqueles que fazem julgamentos sobre pessoas que já viveram antes é o risco de anacronismo. Kollman

1. Durante os retiros que liderei em Libermann, encontrei uma séria sensação de insatisfação e falta de interesse em Libermann quando mencionei citações perturbadoras dos escritos de Libermann. Acredito que a verdade deve ser exposta e que Libermann não deve ser julgado pelos padrões do nosso tempo. Vivemos também numa era de sensibilidade racial e de género na linguagem. No entanto, o preconceito racial continua a existir.
2. Kollman, Paul V., “Evangelization of Slaves : A Moral Misstep? [Evangelificação de Escravos: Um Falhanço Moral]” *Spiritan Horizons* 2 (2009), 53.

chama a este “presentismo”, ou seja, julgar o passado a partir de uma perspectiva contemporânea ou com condescendência, ‘uma tentação particular no estudo da actividade missionária com escravos’.³

A EXPERIÊNCIA DE VIDA DE LIBERMANN

A preocupação de Libermann pelos africanos pode ser traçada a três momentos fundamentais da sua experiência de vida. Em primeiro lugar, nasceu judeu numa época de emancipação judaica em França. Os judeus eram desprezados pela sociedade em geral. A formação e experiência judaica de Libermann teve um impacto substancial na sua atitude para com aqueles cuja liberdade estava a ser desafiada. Libermann fez uma distinção entre liberdade e independência. As pessoas devem ser livres mas não podem ser independentes porque somos necessariamente dependentes umas das outras. A independência pode levar ao egoísmo e ao individualismo. Libermann queria que os africanos fossem livres e, ao mesmo tempo, interdependentes.

Além disso, a experiência de conversão de Libermann foi desencadeada pela percepção de que Deus não está confinado a um grupo étnico, cultura ou religião. Deus é para todas as pessoas e deve ser adorado em liberdade. Deus manifesta-se e revela-se em todas as culturas e religiões. Libermann compreendeu que Deus também existia para os africanos. E finalmente, Libermann também conhecia o sofrimento físico. Sofria de epilepsia, o que impediu a sua ordenação sacerdotal. O sofrimento tinha um valor educativo. Libermann não só era solidário e empático com o sofrimento dos africanos, mas também solidário com eles, ao mesmo tempo que tentava imitar o sofrimento de Jesus Cristo.

O PROPÓSITO DA OBRA DOS NEGROS, *L'ŒUVRE DES NOIRS*

A experiência judaica, a conversão e o sofrimento transformaram a vida de Libermann numa missão única dedicada aos africanos pobres e marginalizados. A força motriz por detrás da Obra dos Negros, a direcção que tomou e os desafios que enfrentou serão melhor compreendidos ao examinar aquilo a que Libermann chama o objectivo ou motivo deste projecto tal como expresso nos seus escritos. É evidente que Libermann tinha um propósito, um «desenho» ou uma «intenção» para a sua missão. No início da sua missão, a 20 de Dezembro de 1841, escreveu à Firmin-Régis Gamon, um confidente de confiança, para explicar o objectivo da sua missão:

O nosso objectivo é vir em auxílio dos negros, escravos ou libertados nas colónias

3. Kollman, Paul V., *The Evangelization of Slaves and Catholic Origins in Eastern Africa* [A Evangelização de Escravos e as suas Origens Católicas na África Oriental]. Maryknoll, NY : Orbis, 2005, xxii. Cf. Edward P. Thompson, *The Making of the English Working Class* [A Criação da Classe dos Operários da Inglaterra], 2^{da} edição, Harmondsworth, UK : Pelican, 1968.

francesa e inglesa. Estas pobres pessoas são as mais desafortunadas do mundo. Estão na mais completa ignorância de tudo o que diz respeito à religião e não têm qualquer ideia do que fazer para a salvação. Como resultado desta ignorância, definham nos vícios mais terríveis. Muitos deles não são baptizados, embora pertençam a mestres cristãos. Muitos não são casados, vivendo juntos como cães e mudando de mulher quando a ideia lhes chega.⁴

- *Notes et documents relatifs à la vie et à l'oeuvre du vénérable François-Marie-Paul Libermann*, N.D. vol. 3, À M. Gamon, Directeur du Sém. de Mont-Ferrand près Clermont (Puy-de-Dôme) [Notas e documentos relacionados com a vida e obra do Venerável François-Marie-Paul Libermann, N.D. vol.3, Ao Sr. Gamon, Director do Seminário de Mont-Ferrand perto de Clermont (Puy-de-Dôme)], La Neuville, 20 déc. 1841, p. 76 – (Scan p. 92).

Libermann
tinha um bom
propósito pela
sua missão.

Libermann tinha um bom propósito, mas a linguagem que usava e a compreensão que tinha dos africanos, particularmente no início do seu projecto, podem certamente ser desafiadas. Quando Libermann e os seus companheiros conceberam o seu projecto, a *Obra dos Negros*, tiveram o que Edmund Husserl chama a «atitude natural» contra os africanos, derivada da mentalidade ocidental da época. Os sinais desta «atitude natural» podem ser vistos na língua utilizada pelo Libermann para descrever a sociedade da África Ocidental. Hoje em dia, a língua de Libermann apresenta-se como condescendente, cheia de tons de raça. Expressões como “os africanos não são casados”, “vivem juntos como cães” e “estão imersos em todo o tipo de vícios mostram que Libermann foi influenciado pelos estereótipos raciais ocidentais contra a sociedade africana.

A expressão «atitude natural» foi cunhada por Edmund Husserl que observou que quando os seres humanos percebem uma determinada coisa, trazem à sua experiência os seus preconceitos e pressupostos sobre os fenómenos, que ele chamou de “atitude natural” operando a nível subconsciente. Esta atitude impede-nos de perceber os fenómenos no seu modo puro de “carácter dado”. Por conseguinte, esta «atitude natural»,⁵ deve ser eliminada. Ele chama a esta supressão uma “época fenomenológica ou suspensão da atitude natural”. Para Libermann, a “época fe-

4. ND III, 76. Translation by Burke, *Morality and Mission : Francis Libermann et l'esclavage 1840-1850* [Tradução de Burke, Moralidade e Missão: Francis Libermann e Escravatura 1840-1850], 36. Nairobi : Paulines Publication Africa, 1998. - A palavra “dessein” aquí está traduzida por “propósito”-.

5. Dermot, Moran, *Introduction to Phenomenology* [Introdução à Fenomenologia]. New York : Routledge, 2000, 11.

**Libermann era,
antes de mais,
um homem da sua
idade que interpretou
cuidadosamente os
sinais do seu
tempo.**

nomenológica” permitiu-lhe ver o mundo através dos olhos dos pobres, já que “a ‘época dos pobres’ permite-nos desmascarar as estruturas políticas e sociais que oprimem os pobres”.⁶ Observamos aqui que qual-quer leitura de Libermann como “um homem à frente do seu tempo” ou “para além do seu tempo”, deve, em primeiro lugar, ser vista com cautela, e, em segundo lugar, ser acompanhada do reconhecimento de que ele era um homem do seu tempo.⁷ Libermann era, antes de mais, um homem da sua idade que interpretou cuidadosamente os sinais do seu tempo. Foi também uma voz crítica sobre as injustiças estruturais da primeira metade da Europa do século XIX.

Em 1846, Libermann era mais positivo sobre os haitianos do que sobre os africanos em geral. Referindo-se ao fracasso de uma missão ali, ele disse: “Poderíamos ter mostrado aos detractores da raça negra que não é por não serem de pele branca que são menos filhos de Deus do que são, que têm a mesma nobreza de alma e são igualmente capazes de aceitar a fé e a moral.”⁸ Isto mostra claramente que a leitura de Libermann da situação dos africanos haitianos mudou significativamente, uma mudança que demonstra que a sua conversão é um processo vitalício.

AS MEMÓRIAS DE LIBERMANN

Uma perspectiva mais refinada sobre os motivos de Libermann emerge das Memórias que ele enviou à *Propaganda Fide* em Roma para obter permissão para lançar o seu projecto missionário, a *Obra dos Negros*. Estas memórias mostram uma evolução no seu pensamento em relação às suas opiniões sobre os africanos. A 28 de Março de 1840, Libermann apresentou o seu primeiro *Mémoire*. Nele, ele e os seus companheiros, sabendo que muito sofrimento, humilhação e contradição os aguardavam, decidiram entregar-se ao Senhor, “para a salvação dos Negros, que são os mais infelizes, os mais afastados da salvação e os mais abandonados na Igreja de Deus”.⁹ Estavam abertos à missão entre “Negros” de todo o mundo, mas no início, concentraram-se no Haiti e na Ilha da Reunião. Deveriam viver em comunidade e através da vida comunitária elevar as vocações para o clero local.

Dizer que os africanos estão “mais longe da salvação” é uma ideia que hoje

6. Smith, David L., “Libermann’s Spirituality : A Spirituality of Presence [A Espiritualidade do Libermann : Uma Espiritualidade da Presença]”. *Spiritan Horizons* 3 (2008), 18.

7. Smith, David L., “The Spirituality of Francis Libermann: A Man Beyond His Time [A Espiritualidade do Libermann : Um homem fora do seu tempo]”. *Spiritan Horizons* 1 (2006) 15.

8. ND VIII, 333. Cf.: Lettre à Percin, 2 novembre 1846 [Ver: carta a Percin, 2 de Novembro de 1846].

9. ND II, 69.

em dia não é tolerável devido às suas conotações raciais e ao exagero da condição miserável dos africanos. No entanto, Libermann utilizou-o para demonstrar a urgência de assumir esta missão de evangelização. Foram de facto os senhores dos escravos e aqueles que participaram no tráfico de escravos que estavam “mais afastados da salvação”, pois pelos seus actos de injustiça distanciaram-se dos seus semelhantes, criados à imagem e semelhança de Deus e, ao mesmo tempo, separaram-se assim de Deus.

Uma visão mais positiva dos africanos é encontrada na segunda *Memória* de Libermann de Novembro de 1844, na qual ele apela à formação de clero indígena. A formação do clero indígena é reiterada e desenvolvida no seu terceiro *Mémoire de 15 de Agosto de 1846*. Isto é de longe o mais longo e importante, exigindo a criação de escolas para formar africanos como professores, agricultores, catequistas e artesãos. Este *Memorando* propõe que sejam dadas ordens menores aos catequistas, uma proposta que alguns interpretaram como uma demonstração da visão de vanguarda de Libermann.

Este
Memorando
propõe que sejam
dadas ordens menores
aos catequistas.

A REGRA DE VIDA DO LIBERMANN

Em 1840, depois de receber a boa notícia de que poderia começar a trabalhar no seu projecto, Libermann escreveu uma *Regra de Vida provisória*. Esta *Regra* passou por várias revisões até à *Regra de 1845*, que foi então utilizada para a formulação das *Regras de 1849*, após a fusão com os espiritanos. A *Regra de 1849* tornou-se o fundamento das futuras *Regras Espiritanas*. Três elementos importantes da *Regra* de Libermann eram característicos da sua compreensão dos seres humanos, especialmente os marginalizados e escravizados. Em primeiro lugar, a santificação dos missionários é importante para o ministério. A evangelização começa com o evangelizador. Como diz o axioma latino: *Nemo dat quod non habet* (Não se pode dar o que não se tem), cada missionário deve primeiro pregar a si próprio. A conversão, tal como a salvação, é um assunto de todos. Todos precisamos da graça de Deus.

Em segundo lugar, os missionários só deveriam ministrar por caridade. Isto implica que eles devem respeitar as pessoas que evangelizam.

Finalmente, os missionários devem ser humildes. Havia o risco de os missionários se verem superiores aos africanos, indo para África para ajudar os “pobres africanos”, uma abordagem que só poderia gerar paternalismo. Além disso, Libermann desencorajou a abordagem *tabula rasa* à missão que era tão comum no seu tempo. Libermann tinha aprendido que a condição dos escravos era uma tragédia humana. Tinha simpatia e piedade por eles. Observou que embora os escravos tivessem direito ao baptismo, e na verdade muitos foram baptizados, precisavam antes de mais nada de praticar a sua religião em liberdade. Eles precisavam de ser emancipados

não só na lei, mas também na realidade. Precisavam de uma liberdade que restaurasse a sua verdadeira dignidade humana como filhos de Deus. Libermann viu que a emancipação dos escravos nas colónias francesas era um assunto iminente; mas esta emancipação, na sua opinião, seria prejudicial para eles se não estivessem bem preparados moralmente.

Foi também muito claro para Libermann no início da sua missão que esta obra era de facto a obra do Espírito Santo.

Ele estava ciente de que o Espírito Santo não dá respostas directas a todas as nossas perguntas: “Quando o Espírito Santo inspira um projecto, ele quase nunca dá o quadro completo no início. Só à medida que o trabalho se desenvolve é que ele o revela. No entanto, todo o esquema está inscrito no princípio pelo qual ele inspirou o autor do projecto”.¹⁰

Uma vez que a grande questão antropológica é a natureza do ser humano em busca da salvação de Deus, o principal interesse de Libermann era a salvação de Deus para os africanos marginalizados. Percebeu que o ser humano é um ser social e cultural que deve relacionar-se e interagir com os outros. Assim, alargou o seu âmbito de salvação ao de serviço. Como Bevans salienta, «a salvação é, em última análise, uma questão de serviço, de identificação com a missão salvífica de Deus no mundo». Ele continua: «Tal concepção de salvação implica uma antropologia que é certamente holística, mas que coloca a ênfase primária na dimensão transcendental e espiritual do ser humano. A plena humanidade não é alcançada apenas através da segurança económica ou da autonomia política, mas também e sobretudo através da comunhão com Deus em Cristo e da transformação através do Evangelho».¹¹

Quando
o Espírito Santo
inspira um projecto,
ele quase nunca dá
o quadro completo
no início.

ANTROPOLOGIA MISSIONÁRIA DE LIBERMANN

A concepção da pessoa humana do século XIX, que dissociava o corpo e a alma, veio a influenciar a visão da missão e das pessoas à margem da sociedade. O objectivo e o valor do corpo eram ser o “veículo da alma”.¹² Este entendimento antropológico dualista estava intimamente ligado à noção eclesiológica do sujeito ideal. Uma pessoa ideal era um membro da Igreja Católica visível fora da qual não poderia haver salvação, *extra ecclesiam nulla salus*. Isto levou a uma dupla estratégia antropológica missionária de “salvar almas e estabelecer a Igreja”.¹³

10. LS III, 158.

11. Bevans, Stephen B. et Roger P. Schroeder, *Constants in Context: A Theology of Mission for Today* [Constantes em Contexto: Uma teologia da missão para os dias de hoje]. Maryknoll, NY : Orbis, 2005, 345.

12. Kollman (2005) 63.

13. Bosch, David J., *Transforming Mission : Paradigm Shifts in Theology of Mission* [Missão Trans-

A missão
hoje em dia tem
como objectivo
a libertação global
de todas as partes
do ser humano.

A missão hoje em dia tem como objectivo a libertação global de todas as partes do ser humano. A missão não é apenas salvar almas para o céu ou estabelecer igrejas, mas, como assinala Koren, “proclamar Cristo Salvador cuja vida inteira tem sido uma revelação: demonstrou que é realmente possível para nós seres humanos começarmos a viver juntos como filhos e filhas que amam à maneira de Deus...”¹⁴

A missão de Libermann era essencialmente construir relações fortes com os africanos escravizados por uma variedade de forças.

Em 1839, na altura em que Libermann e os seus companheiros preparavam a *Obra dos Negros*, o tráfico de escravos em França ainda era regido pelo *Código Noir* [Código Negro], promulgado por Luís XIV em 1685, revisto em 1724 e aplicado até 1848, quando o tráfico de escravos foi proibido em França após uma revolução de estilo socialista. O *Código Noir* deu aos proprietários de escravos poder total sobre os escravos, incluindo a marca, a mutilação e o uso de chicotes.¹⁵

Libermann e os seus companheiros previam que a emancipação dos escravos nas colónias francesas estava próxima, mas esta emancipação, na sua opinião, seria prejudicial não só para os escravos mas também para a sociedade no seu conjunto se os escravos não estivessem moralmente preparados. Não queriam uma repetição da experiência no Haiti, onde os escravos emancipados tinham vandalizado os bens franceses.¹⁶

Paul Kollman argumenta que Libermann era um “aboliconista convicto”, mas que a Igreja Católica em França tendia a opor-se aos aboliconistas devido à sua atitude anti-clerical.¹⁷ Ele observa que muitos dos missionários de Libermann nas colónias francesas defendiam a abolição, associando “a liberdade mundana à possibilidade da vida eterna”.¹⁸ Embora seja verdade que Libermann era hostil à es-

formadora : Mudanças de Paradigma na Teologia da Missão]. Maryknoll, NY : Orbis, 1998, 331.

14. Koren, Henry, “Faith, Science and Evangelizing the Poor, Essays on the Spiritan Charism and on Spiritan History [Fé, Ciência e Evangelização dos Pobres, Ensaios sobre o Carisma Espiritual e sobre a História Espiritual]”. *Spiritus* (1990), 73.

15. “Le Code Noir” <http://chnm.gmu.edu/revolution/d/335/> (acedido a 7 de Janeiro de 2021).

16. O que Libermann e os seus companheiros estavam a tentar fazer também servia os interesses coloniais franceses. Uma revolução violenta como a do Haiti foi prejudicial aos interesses coloniais franceses, de modo que os colonos queriam uma transição “suave” da ocupação colonial para a independência, mas em termos e condições muito franceses.

17. Kollman (2005) 62, 65. Kollman também critica os primeiros missionários espiritanos na África Oriental por se terem afastado da abordagem aboliconista da escravatura de Libermann. Kollman analisa a estratégia destes missionários, que, segundo ele, era “moralmente duvidosa” porque, entre outras coisas, nunca declararam os antigos escravos livres e utilizaram a escravatura como uma oportunidade para vencer os convertidos ao catolicismo.

18. Kollman (2005), p. 65.

**Libermann
apela à prudência
em situações
de injustiça.**

cravatura, a sua posição abolicionista precisa de ser matizada. Arsène Aubert argumenta que Libermann não deve ser considerado abolicionista, mas encorajou os seus missionários a serem cautelosos nas suas relações com os detentores de escravos.¹⁹ Em 1840, Libermann escreveu uma *Regra* para a sua sociedade na qual escreveu:

*Eles [os missionários] serão os defensores, apoiantes e defensores dos fracos e dos pequenos contra todos aqueles que os oprimem. É em todas estas circunstâncias que a grande caridade e poder de Nosso Senhor Jesus Cristo deve desenvolver-se nas suas almas. Toda a sua conduta, contudo, deve ser sempre presidida pela mansidão e a prudência total que o seu mestre lhes transmitirá se forem fiéis.*²⁰

20. N. D., vol. 02, p.256, Art. VI.

Podemos ver aqui que Libermann apela à prudência em situações de injustiça. Ele continua na mesma *Regra*:

*Tudo faremos para estabelecer entre ricos e pobres, brancos e negros, aquela caridade cristã que faz com que todos os homens se considerem irmãos em Jesus Cristo, a fim de extinguir por isso o desprezo e a indiferença, por um lado, os ciúmes e o ódio, por outro. Mas é preciso ter muito cuidado nisto, para que não se percam todos.*²¹

21. N. D., vol. 02, p.258, Art. XIV.

Libermann era mais um pacifista do que um abolicionista. Mesmo se hoje podemos considerar que ao não confrontar os senhores dos escravos, Libermann fechou os olhos à injustiça estrutural da escravatura. Ao mesmo tempo, devemos ter em conta a situação prática que enfrentou. Percebeu que a conversão era para todos. Os evangelistas precisavam de metanoia (mudança de coração) para ter o Espírito de Cristo para ministrar com amor aos aflitos. Os proprietários de escravos precisavam de metanoia para tratar os escravos com amor fraternal e, eventualmente, para os libertar. Os escravos também precisavam de metanoia, em primeiro lugar para serem

19. Aubert, Arsène, “ Libermann en conflit avec les autorités [Libermann em conflito com as autoridades]”, *Spiritan Horizons* 5 (2010), p. 3-18.

20. ND II, 256. Citado por Arsène Aubert, « Libermann en conflit avec les autorités [Libermann em conflito com as autoridades] ». 4. *Règle Provisoire*, 1^{re} Partie, Chapitre IX, art. VI. Este artigo é retomado na *Regra de Libermann de 1849* (ND X, 517) e na presente *Regra de Vida Espiritana*, n° 14.

21. ND II, p. 256, *Règle Provisoire*, 1^{re} partie, chapitre IX, art. XIV [Regra provisória, Parte I, Capítulo IX, artigo XIV].

iluminados pela luz de Cristo, e em segundo lugar para se absterem de se vingar dos autores de injustiças.

Libermann estava convencido de que não só tinha chegado o momento de pregar o Evangelho aos africanos, mas também que tinha chegado o momento de os perpetradores da injustiça se darem conta de que os africanos eram filhos de Deus. Em 2 de Novembro de 1846, escreveu uma longa e importante carta a Pierre Northum Percin, que enviava para o Haiti, onde Eugène Tisserant tinha tentado, sem sucesso, estabelecer uma missão para a Sociedade do Santo Coração de Maria entre 1843 e 1845. A visão de Libermann para a missão no Haiti está exposta neste livro. Em particular, queria denunciar as injustiças cometidas contra os haitianos de origem africana:

[...] há um motivo geral muito mais poderoso que me fez abraçar este trabalho com tanta suavidade.

Se tivéssemos sido capazes de formar um estabelecimento na República, estou certo de que o nosso sucesso teria sido completo. Em poucos anos teríamos sido capazes de fornecer ao universo a prova da falsidade e da má fé daqueles que imprudentemente caluniam uma grande parte da raça humana; teríamos destruído por actos os preconceitos ridículos que a ambição e o interesse de um punhado de homens infelizmente aclimataram em detrimento de tantos milhões de almas criadas à imagem de Deus, e redimidas pelo sangue de Jesus Cristo. Estou convencido de que o nosso sucesso teria sido completo, e que teríamos feito com que os negadores da raça africana vissem que, embora não tenham pele branca, não são menos filhos de Deus do que são, que não têm menos elevação de alma, que não são menos capazes de receber a fé, a moral sã, os verdadeiros princípios e a prática da civilização; numa palavra, essa cor não dá qualquer inferioridade em nada.²²

Libermann propôs a criação de uma igreja local como forma de quebrar os preconceitos daqueles que desprezavam os haitianos. A igreja no Haiti já não deveria ser considerada uma igreja missionária, mas sim uma igreja oficial e regularizada com um bispo residente, tal como as igrejas europeias.

A ANTROPOLOGIA CULTURAL DO LIBERMANN

Na época de Libermann, o zelo dos missionários católicos franceses baseava-se num orgulho nacionalista que levou a uma obsessão de recuperar as almas perdidas em nome da sua salvação.²³ Libermann estava consciente do orgulho nacio-

22. ND VIII, p. 334.

23. Kollman, Paul V., *The Evangelization of Slaves and Catholic Origins in Eastern Africa* [A Evangelização dos Escravos e suas Origens Católicas na África Oriental]. Maryknoll, NY : Orbis, 1998,

O sistema francês de assimilação encorajou os habitantes das colônias a adaptarem-se à cultura e língua francesas em troca da cidadania francesa.

nalista que levou os missionários franceses a considerar a sua cultura como a “norma” e, ao mesmo tempo, a desprezar as culturas dos outros. O sistema francês de assimilação encorajou os habitantes das colônias a adaptarem-se à cultura e língua francesas em troca da cidadania francesa. Em contraste, Libermann encorajou os seus missionários a assimilar a cultura africana.

Libermann é amplamente conhecido pelo seu ensino sobre inculturação, apesar de a sua própria identidade cultural estar em constante mudança. Cresceu num gueto judeu, começou a aprender hebraico aos cinco anos de idade e a ler a Torá, depois os comentários Mishnah e Talmudic sobre as leis judaicas. Falou iídiche, que escreveu em hebraico. Libermann envolveu-se na cultura europeia aos vinte anos de idade e estudou para se tornar rabino em Metz, onde aprendeu secretamente francês, latim e leu os clássicos. Após a sua conversão, Libermann aclimatou-se à cultura francesa e dedicou muito do seu tempo livre a melhorar os seus conhecimentos de francês.

Durante os seus anos no seminário e noviciado, Libermann mergulhou na espiritualidade da Escola Francesa com as suas tendências dualistas que influenciaram a sua visão da vida.

Durante os seus anos no seminário e noviciado, Libermann mergulhou na espiritualidade da Escola Francesa com as suas tendências dualistas que influenciaram a sua visão da vida.

Foi depois de viver no seminário e no noviciado que a sua primeira “atitude espiritual judaica se tornou novamente predominante na sua percepção das coisas”.²⁴ As relações de Libermann no contexto africano alargaram o seu horizonte e a sua visão da cultura e da espiritualidade. Como assinala Koren, Libermann era simultaneamente judeu e cristão. Como judeu, viu Deus em cada acontecimento da sua vida, e como cristão: “desejou viver sob a inspiração do Espírito Santo, que se manifestou nas realidades concretas da vida”.²⁵ A santidade deveria ser procurada nas circunstâncias reais da vida, e não fugindo delas em algum lugar remoto. As situa-

As relações de Libermann no contexto africano alargaram o seu horizonte e a sua visão da cultura e da espiritualidade.

p. 48.

24. Koren, Henry, “Spiritan Educational History since 1848 [A história da educação espirítana desde 1848]”, 1990, p. 132.

25. *Ibid.*

ções reais da vida manifestaram-se nas missões onde os mecanismos da injustiça floresciam e onde os direitos das pessoas eram violados e ignorados. Todas estas tristes situações tiveram de ser combatidas e confrontadas a partir da mensagem evangélica.

O ensino de Libermann sobre inculturação ultrapassa a mentalidade de muitos dos seus contemporâneos. Ele respeita todas as culturas e convida os seus missionários a serem flexíveis na adaptação a cada uma delas. O ensino de Libermann sobre cultura mostra que ele foi transformado pela sua experiência de missão africana. Encontrou-se em posição de responder quando recebeu uma visita de Maxime de la Brunière, um dos iniciadores da *Ceuvre des Noirs*, no noviciado Eudist, para o convencer a assumir a liderança deste projecto. Na sua carta de aceitação dirigida a Vavas seur em 28 de Outubro de 1839, Libermann, referindo-se a de la Brunière, disse: “de la Brunière é todo negro” e prosseguiu: “Darei comunhão aos nossos queridos negros na festa de todos os Santos²⁶.” Esta é uma indicação clara de que Libermann estava a começar a ser influenciado pela missão africana que o iria transformar para o resto da sua vida. Também ele, como de la Brunière, se tornou “negro” e pediu aos seus missionários para serem “negros com negros”.

Numa longa carta aos seus missionários em Dakar, Libermann esboça a atitude dos seus missionários para com aqueles que procuram evangelizar:

*[...] Não julguem de acordo com o que viram na Europa, de acordo com aquilo a que se habituaram na Europa; despojem-se da Europa, dos seus costumes, do seu espírito; façam-se **negros com os negros** para os formar como devem ser, não à maneira de Eutope, mas deixem-lhes o que é próprio deles; Fazer-lhes como servos deve fazer aos seus senhores, e isto para os aperfeiçoar, para os santificar, para os elevar da humildade, e para fazer deles pouco a pouco, a longo prazo, um povo de Deus. É a isto que São Paulo chama fazer-se tudo a todas as pessoas, de modo a ganhá-las todas para Jesus Cristo.²⁷*

Esta é uma das declarações mais citadas nos escritos de Libermann. É de facto uma afirmação muito forte numa altura em que o que era “negro” era demonizado. Os missionários de Libermann tiveram de se livrar do orgulho nacionalista francês que muitas vezes desprezava as outras culturas. Libermann pediu aos seus missionários que aprendessem e mergulhassem na cultura do povo a que se dirigiam. O objectivo da inculturação é enobrecer as pessoas e torná-las conscientes de que são

Os missionários de Libermann tiveram de se livrar do orgulho nacionalista francês.

26. ND I, p. 661.

27. N.D., vol. 9, p. 330. Italicizado pelo autor.

o povo de Deus. Torna-os conscientes da sua dignidade humana. As pessoas a serem evangelizadas precisam de ser enobrecidas, o que as ajudará a tornarem-se indivíduos auto-regulados, auto-reflexivos e auto-suficientes, cujos compromissos decorrem de escolhas voluntárias.

Christy Burke salienta: «As pessoas não são, e não devem ser, consideradas como 'objectos'. Portanto, conhecer uma pessoa é estabelecer uma relação com ela. Em última análise, o missionário preocupa-se em ajudar, mas aqueles que estão a ser ajudados nunca são os «objectos» dos seus cuidados.²⁸ Como já observámos, há sempre o perigo de uma boa caridade se tornar paternalista. É por isso que Libermann pede aos seus missionários que sejam servos daqueles a quem são chamados a servir, imitando Jesus que não veio para ser servido, mas para servir (Mateus 20,28). Como criados, devem escutar o outro e deixar-se transformar por eles. A um missionário que se orgulhava de resistir a um soldado francês, escreveu:

*Aqueles a quem é confiada a salvação dos homens devem saber adaptar-se aos outros sem serem quebrados ou quebrar outros.*²⁹

A postura do Libermann sobre a inculturação fazia parte da sua atitude geral de tolerância e prudência acima referida em relação à libertação dos escravos.

LIBERMANN E A FORMAÇÃO DO CLERO LOCAL

Libermann estava consciente do valor e da importância dos seminários para a Igreja. Tinha vivido em seminários durante doze anos. Ele tinha estado encarregado do Seminário do Espírito Santo em Paris na altura da fusão da sua congregação com a do Espírito Santo em 1848. Ele sabia que os seus missionários estavam a levar a cabo um ministério louvável nas missões. No entanto, para ele, o sucesso das missões não dependia dos missionários expatriados, mas do estabelecimento do clero local. Segundo Paul Coulon, a origem desta ideia pode ser rastreada até ao amigo de Libermann, o Padre Jean Luquet (1810-58), membro das Missões Estrangeiras de Paris e missionário em Pondicherry, Índia.³⁰ Luquet foi o secretário de um sínodo diocesano em Pondicherry

O sucesso
das missões não
dependia dos missionários
expatriados, mas
do estabelecimento
do clero local

28. Burke, Christy, *No Longer Slaves* [Nunca mais escravos!]. Dublin : Columba, 2010, p. 110.

29. ND VII, p. 161. Citado em Burke (2010), p. 121.

30. Coulon, Paul, Paule Brasseur et autres, *Libermann 1802-1852 : Une pensée et une mystique missionnaire* [Libermann 1802-1852: Um pensamento e uma mística missionários]. Paris : Les éditions du cerf, 1988, p. 383-455.

que produziu um documento intitulado *Éclaircissements sur le synode de Pondichéry* [Esclarecimentos sobre o Sínodo de Pondicherry]. Este documento apresenta semelhanças notáveis com o *Memorando de Libermann de 1846*. Apela ao estabelecimento de episcopados em territórios de missão e à formação de clero nativo. Luquet foi escolhido pela *Propaganda* para ser o editor principal da instrução papal *Neminem Profecto*, que exigia a criação de episcopados locais e a formação de sacerdotes locais nas missões. Libermann conhecia muitas missões florescentes no passado que ruíram porque dependiam quase exclusivamente do clero expatriado. Já havia missões em Angola e no Congo, onde só os Capuchinhos tinham mais de quatrocentos missionários no século XVI.³¹ A sua *Memória de 1846* refere-se novamente a Angola:

*A religião floresceu ali, houve mesmo um início de civilização, e agora o país caiu novamente no seu antigo estado de barbárie. Os Negros são, portanto, inconstantes e apegados ao seu estado bárbaro. Acreditamos, contudo, que a recaída desta região não deve ser atribuída a causas intrínsecas da natureza das populações, mas sim ao curso desta Missão. Os missionários que a Sagrada Congregação enviou para este país [...] terão feito numerosas conquistas para Jesus Cristo e a sua Santa Igreja [...] e o seu trabalho terá produzido numerosos cristãos, talvez sem que estes fervorosos missionários tenham tomado meios suficientes para consolidar os frutos do seu trabalho, dando a estes cristãos a força estável de uma Igreja.*³²

A formação do clero local foi para Libermann uma condição sine qua non para o sucesso da Missão da África Ocidental. No seu *Memorando à Propaganda* de 1844, Libermann propôs que os africanos fossem trazidos para a Europa para a educação. Luke Mbefo salienta que enviar africanos para a Europa para estudo pode ser visto por alguns nacionalistas como “arrogância colonial inscrita na sua autoproclamada tarefa de mostrar aos negros como a vida humana deve ser vivida, o chamado “fardo do homem branco”, a política colonial dos britânicos, ou de “moralizar” o nobre selvagem tal como expresso pelos franceses.³³ Apesar desta reserva, o Mbefo era da opinião de que era necessário que os africanos aprendessem “maneiras europeias” para poderem dominar o seu próprio destino.

31. Koren, Henry, *The Spiritans: A History of the Congregation of the Holy Spirit* [Os espiritanos: Uma História da Congregação do Espírito Santo], Pittsburgh, PA : Duquesne University, 1958, p. 165.

32. ND 8, 234f. Citado por Koren, Henry, *The Spiritans: A History of the Congregation of the Holy Spirit* [Os espiritanos: Uma História da Congregação do Espírito Santo], p. 165.

33. Mbefo, Luke, “The Intentions of Venerable Libermann [As intenções do Venerável Libermann].” *Spiritans Horizons* 5 (2010), 119.

Libermann
apercebeu-se
de que a humanidade
resplandece intensamente
nos pobres e
abandonados.

CONCLUSÃO

Longe de ser uma hagiologia, este estudo da antropologia teológica de Libermann tentou situá-lo na *sitz im leben* do século XIX com os seus preconceitos para com os africanos. Alguns dos ensinamentos de Libermann são de facto condescendentes. Contudo, o nosso principal objectivo era mostrar que, apesar do preconceito racial de Libermann contra os africanos, a sua relação com os africanos através dos seus missionários levou-o a vê-los como filhos de Deus que deveriam poder beneficiar da salvação de Deus.

Libermann apercebeu-se de que a humanidade resplandece intensamente nos pobres e abandonados. São um sinal de que a qualidade de ser humano não depende do que uma pessoa pode possuir, mas do tipo de pessoa que ela é. Os rostos dos africanos maltratados deram à missão de Libermann um carácter inalienável e convenceram-no de que a cultura dos africanos é de imenso valor.

Como Elochukwu Uzukwu assinala, Libermann foi ‘penetrado e agarrado pelo *humanum*; isso deu-lhe uma profunda confiança no valor e talento de cada conjunto humano, especialmente dos negros mais oprimidos.’³⁴ O *humanum* dos africanos tocou-o e converteu-o para dedicar a sua vida aos oprimidos. ■

Gérard Majella Nnamunga, C.S.Sp.
Theologate Espiritano em Nairobi, Quênia.

ABREVIATURAS

LS

Lettres Spirituelles du Vénérable Libermann [Cartas Espirituais do Venerável Libermann]. Paris: Librairie Poussielgue Frères, 1828-51. 4 Volumes. Referido como LS, seguido de volume e página.

ND

Notes et Documents relatifs à la vie et à l'œuvre du Vénérable François-Marie-Paul Libermann, Supérieur Général de la Congrégation du Saint-Esprit et du Saint-Cœur de Marie [Notas e Documentos Relativos à Vida e à Obra do Venerável François-Marie-Paul Libermann, Superior Geral da Congregação do Espírito Santo e do Santíssimo Coração de Maria], editado por P. Adolphe Cabon. Paris : Maison-Mère, 1929-1941. 13 Volumes. Referenciado como ND seguido do volume e da página.

34. Uzukwu, Elochukwu E., “Inculturation and the Spiritan Charism [Inculturação e o Carisma Espiritano]”. *Spiritan Horizons* 2 (2007), p. 52.